

Os textos acadêmicos e outros textos (escritos)

Esta aula tratará de evidenciar algumas diferenças entre os textos conhecidos como acadêmicos e outros textos, todos utilizados em nossa sociedade em formato escrito. Nossa intenção é caracterizar o gênero acadêmico como distinto dos demais, e também refletir sobre o processo da escrita socialmente, pensando nos autores e leitores de tipos diferentes de textos. Estaremos abordando marcas gerais de textos não acadêmicos e acadêmicos e apresentando, de maneira geral, o formato organizacional destes.

Textos acadêmicos e outros textos

A linguagem escrita tem papel primordial em nossa sociedade – quer seja porque a escrita é entendida como uma maneira eficiente de fazer durar, através dos tempos, nossos textos, quer seja por sua praticidade em termos de comunicação: podemos escrever lembretes para nós mesmos, avisos para pessoas ausentes, bilhetes, cartas, e-mails, *blogs*. Há também os textos escritos transformados em documentos, como certidão de nascimento, atestado de óbito, registros de casamento. Inclusive nossas leis, contas, multas, enfim, são textos verbais escritos de vários tipos com múltiplas finalidades.

Mas a linguagem escrita não é utilizada apenas em várias situações corriqueiras do nosso dia a dia. Ela nos possibilita também construir tratados filosóficos, teses acadêmicas, trabalhos científicos – textos que têm características bem marcadas e diferenciadas daquelas dos textos que produzimos e consumimos em nossas atividades mais rotineiras. Diferentemente de uma lista de compras de supermercado, por exemplo, um texto acadêmico pressupõe um tipo de leitor que adota procedimentos específicos de leitura, estabelecendo um ambiente também específico para o processo

de construção de sentidos a partir desse tipo de texto. Esses textos exigem uma leitura mais lenta, mais cuidadosa, reflexiva, aprofundada e crítica.

Estamos dizendo então que a linguagem escrita é utilizada socialmente de diferentes formas. Essa realização de textos tanto orais como escritos é conhecida em nossa área por gêneros textuais. Todo gênero textual apresenta determinadas características que nos fazem reconhecer tal gênero quando o vemos, por exemplo, uma carta pessoal, um artigo de revista, uma receita de comida, uma receita médica. Dentre todas essas diferentes construções sociais de gêneros textuais, está o gênero acadêmico.

Segundo Bakhtin (1997), gêneros são construções discursivas relativamente estáveis, e portanto em constante transformação. Assim, definir gênero significa isolar, apenas temporariamente, algumas características de um conjunto de textos a fim de melhor entender não apenas sua estrutura, mas seu uso social nas práticas diárias em que nos engajamos ao fazer sentido do mundo. Concor damos com Bakhtin que mais do que apenas reconhecer as características estruturais de um texto, precisamos entender como esse texto é utilizado nas práticas sociais de interação verbal, isto é, por que alguns textos parecem ter mais ou menos “valor” do que outros e como nossos textos acadêmicos são legitimados em espaços de construção de conhecimento científico. Perceber essas questões é tarefa fundamental para quem trabalha com a produção da linguagem.

Características gerais dos textos acadêmicos

Uma ressalva: estaremos tratando aqui de textos acadêmicos na área de Ciências Humanas. Assim, é preciso lembrar que estamos tratando de textos acadêmicos produzidos com base em uma perspectiva de construção de conhecimento científico relativa à área das Ciências Humanas, que não é a mesma de outras ciências como a matemática ou geologia.

Nas Letras, de modo geral, não temos uma atitude homogênea em relação à concepção de língua e seu papel no processo de construção do conhecimento científico. Há aqueles que percebem a realidade como sendo “dada”, exterior a quem a observa e portanto independente de quem a vê. Há também aqueles que concebem o mundo como sendo um conjunto de interpretações construídas a partir das maneiras como diferentes pessoas interagem entre si e com os objetos que elas constroem, e, desse modo, o mundo é visto por elas como altamente dependente de quem o observa (MATURANA, 2001). Estas últimas,

portanto, atribuem grande carga ideológica às diferentes formas de conhecimento, inclusive ao conhecimento científico, e aos procedimentos utilizados para construir qualquer tipo de conhecimento, seja ele de ordem religiosa, popular ou científica.

É de dentro desse segundo grupo que muitos estudiosos caracterizam a *língua como discurso*, ou seja, posicionam a língua como elemento central em nossa maneira de entender o processo de construção de conhecimento acadêmico (dentre eles encontram-se Bakhtin e Foucault, por exemplo). Para eles, nenhum conhecimento é independente das pessoas que o constroem, sendo sempre subjetivo e tendo a visão de mundo de seu autor/criador como um elemento determinante não apenas do que está sendo escrito/lido, mas também de como se escreve/lê. É por isso que, mesmo quando se trata de conhecimento científico, a maneira de relatar é vista como sendo tão importante quanto o conteúdo relatado. Dependendo de como o autor se expressa, de como ele seleciona e organiza os elementos que vai abordar, de como ele estrutura seu texto, ele obterá maior ou menor reconhecimento, maior ou menor *grau de legitimidade* para o que escreve. É preciso entender qual é a posição que o autor e seu texto ocupam dentro das estruturas sociais de valor acadêmico para inseri-los em determinadas *faixas hierárquicas*, que, por sua vez, são determinantes do tipo de reconhecimento de sua autoridade para poder afirmar com propriedade o que estão querendo dizer. A posição ocupada por autor e texto nessa estrutura de valoração social acadêmica, determinada não apenas pela qualidade argumentativa e estrutural do texto, mas também pela função social reconhecida na figura de seu autor e do tipo de conhecimento a que ambos estão relacionados, influencia o contato do leitor com o texto e, conseqüentemente, as interpretações que o leitor fará daquilo que lê. É essa conceituação de língua como discurso que embasa esta disciplina.

Na área acadêmica, há uma série de padrões textuais utilizados para a divulgação das chamadas pesquisas científicas, dos relatos de pesquisa, e inclusive para os textos que apresentam discussões *teórico-filosóficas*. O que ocorre de similar entre esses padrões é que, quando lemos qualquer um desses tipos de textos acadêmicos, adentramos uma prática de leitura muito singular: o objetivo de quem normalmente lê (e escreve) textos nesse gênero é distinto daquele de quem lê (e escreve) um editorial de jornal ou um conto, por exemplo. A prática de leitura acadêmica pressupõe um interesse específico, definido antes do momento de contato com o texto a ser lido – o leitor acadêmico em geral procura algo específico, um conteúdo de seu interesse que costuma ser o principal agente motivador na busca pelo texto. Suas expectativas diante do texto são, portanto, bem definidas. Em geral, espera-se que o texto se atenha direta-

mente ao tema proposto, que este tema esteja claramente definido, que o texto apresente e mantenha uma estrutura mais rígida do que a de outros textos em geral, uma estrutura na qual a *introdução*, o *desenvolvimento* e a *conclusão* sejam partes bem marcadas.

Desse modo, o autor de textos acadêmicos também tem diante de si a necessidade de utilizar uma estrutura textual bastante explícita para sua escrita: é preciso que ele seja claro, coerente e conciso, explicitando seu enfoque (sua perspectiva teórica) e esclarecendo, já na introdução e/ou no resumo de seu texto, o conteúdo abordado, a relevância desse tema (justificativa), como trata o assunto (metodologia), e os resultados que obteve ou pretende alcançar.

Estrutura organizacional dos textos acadêmicos

Leitores e autores de textos acadêmicos são sujeitos um tanto quanto conservadores, buscando e reproduzindo em seus textos uma estrutura organizacional bastante estável, normalmente dividida em introdução, desenvolvimento e conclusão. Apesar de encontrarmos variedade nos tipos de textos acadêmicos, essa costuma ser a estrutura organizacional explicitamente encontrada em textos desse tipo. Vejamos, primeiramente, como cada uma dessas partes se constitui.

A *introdução* é o momento de apresentação do tema e eventuais subtemas, na qual o autor disserta sobre a questão principal que será abordada no desenvolvimento do texto e sua relevância no mundo acadêmico, bem como justifica a escolha deste tema para o texto, apresentando argumentos em defesa de sua importância na área de estudos em que se insere. Em uma dissertação ou tese, a introdução é desenvolvida em algumas páginas, pois o detalhamento das informações é mais aprofundado. Já em um artigo acadêmico, por exemplo, a introdução pode ser desenvolvida em apenas uma página. No entanto, em ambos os textos acadêmicos, a introdução segue os mesmos propósitos: apresentar ao leitor seu objeto de pesquisa e justificar sua importância na área.

Já no *desenvolvimento*, isto é, no chamado “corpo do texto”, encontram-se em geral informações sobre o *estado da arte* das pesquisas sobre o mesmo tema e/ou temas relacionados a ele – em outras palavras, nessa parte do texto acadêmico o autor costuma abordar o que já foi dito por outros pesquisadores sobre o tema e/ou subtemas que ele vai tratar. Para a construção desse item, o autor realiza um grande exercício de leitura, pois precisa buscar em outros autores

legitimidade para falar sobre as questões que foram tratadas em sua pesquisa. Nas Ciências Humanas, considera-se que a produção escrita científica é de boa qualidade quando, no desenrolar do desenvolvimento de um trabalho, o autor consegue relacionar conceitos teóricos advindos de outros autores e formular questionamentos relevantes sobre a área que está sendo abordada.

Além disso, encontra-se nesta parte do texto, muitas vezes dividido em seções, a metodologia da pesquisa desenvolvida e a análise dos dados coletados, análise produzida quer a partir da relação feita pelo autor entre a sua própria pesquisa e as pesquisas conhecidas na área e resenhadas por ele neste mesmo texto, quer a partir da aplicação de metodologia de análise desenvolvida por outras pessoas e aplicada pelo pesquisador a seus dados. Da mesma forma como ocorre com o espaço destinado à introdução, o desenvolvimento de uma dissertação ou tese é extremamente detalhado, pois requer que as justificativas pelas escolhas do autor estejam presentes no texto. Já o desenvolvimento de um artigo pode apenas citar parte de uma pesquisa desenvolvida, pois não há espaço suficiente para que se apresentem todos os detalhes da pesquisa. O artigo, de fato, permite que o autor divulgue muitas vezes parte de sua pesquisa de mestrado ou doutorado.

Por fim, a conclusão é reservada para a retomada das principais teorias que embasaram a análise dos dados e os resultados obtidos. Nela, o autor faz um apanhado geral, resumido, das teorias mais representativas às quais recorreu para analisar o tema do texto, concluindo com as relações que estabelece entre essas teorias e sua análise, revendo as conclusões a que se permitiu chegar com o trabalho desenvolvido.

Tanto artigos acadêmicos quanto teses, dissertações e monografias ou trabalhos de conclusão de curso se desenvolvem em torno dessa estruturação mínima. Em todos eles costuma aparecer também um resumo (na mesma língua em que o texto está escrito), seguido de palavras-chave que indicam os principais aspectos que serão tratados no texto, e normalmente acompanhados de uma tradução deste resumo em uma língua estrangeira, conforme solicitada pelo veículo onde o texto está sendo publicado.

Temos, portanto, como podemos perceber do que foi mencionado até agora, uma variedade de textos acadêmicos (abstract, artigos, teses, dissertações, monografias, trabalhos de conclusão de curso) relativamente estáveis em suas estruturas: esta estabilidade relativa constitui um gênero, o gênero acadêmico.

Alguns exemplos de textos acadêmicos

Para que as questões apontadas nos dois itens anteriores fiquem um pouco mais claras, apresentamos em seguida alguns exemplos de textos dentro do gênero acadêmico e apontamos suas principais características organizacionais.

Abstracts

Todo trabalho de pesquisa acadêmica contém um resumo, ou como chamamos em inglês: um *abstract*. Como o próprio nome já nos mostra, o *abstract* apresenta um resumo da pesquisa desenvolvida. Ele faz parte de uma tese, dissertação, monografia, artigo, fala proferida em um congresso. Seu objetivo é ajudar o leitor a rapidamente saber sobre o que se trata a pesquisa desenvolvida. Ele aparece em diferentes graus de profundidade conforme o texto que o acompanha: num artigo acadêmico, por exemplo, o resumo costuma ter entre 5 e 10 linhas; já numa dissertação ou tese ele pode ter mais de 40 linhas. O escopo (abrangência) e tamanho do resumo também são determinados pelas normas estabelecidas através de cada veículo de publicação.

Um bom *abstract* e uma escolha adequada das palavras-chave são de fundamental importância para que o texto seja bem referenciado e localizado com facilidade nas ferramentas de busca e indexação utilizadas pela revista para situar o texto e permitir que os leitores o encontrem com facilidade e precisão. Assim, as palavras-chave e o resumo de um artigo acadêmico podem facilitar o trabalho do leitor e agilizar o acesso ao texto que ele procura.

Veja, por exemplo, um modelo de *abstract* abaixo:

Reading the world as social practice: conceptual questioning as a tool for enhancing critical literacies

(JORDÃO, 2008)

ABSTRACT

This paper will introduce the methodology of conceptual questioning as a fundamental survival tool in contemporary times. It will briefly explore the main bases for conceptual questioning, i.e., the post-structuralist concept

of language as discourse, the Foucaultian notion of power/knowledge and “sustainable citizenship”. The double assumption taken here is that (1) our perspectives are discursively constructed, and that (2) the constant questioning of our perspectives opens our views to the co-existence of valid perspectives. Such awareness of multiplicity is taken to be productive as it can create an attitude of constant curiosity and discovery, that is, of continuous learning. This attitude has the potential of bringing about an on-going process of (re)construction of our perspectives, which is of paramount importance when considering our being in the world.

KEYWORDS: conceptual questioning, critical literacy, power/knowledge, learning

JORDÃO, C. M. Reading the world as social practice: conceptual questioning as a tool for enhancing critical literacies. **English Quarterly**, v. 39, n. 2-3. Canadian Council of Teachers of English Language Arts: Winnipeg, 2008.
Disponível em: <www.cctela.ca/eq2.html>. Acesso em: nov. 2008.

Artigos em revistas acadêmicas

Em revistas acadêmicas, ou *academic journals* em inglês, encontramos textos que se enquadram num padrão comum não apenas em termos de estrutura organizacional, mas também em termos de tamanho e formatação. Via de regra, artigos acadêmicos no Brasil têm de 12 a 15 páginas, digitadas em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento simples ou um e meio. No exterior, em publicações em língua inglesa, é costume indicar o número de palavras, que fica entre 3 e 7 mil: neste caso, tanto faz o espaçamento entre linhas ou o tamanho da letra utilizada, já que importa apenas o número total de palavras, e não de páginas. Quando se submete um artigo a uma revista, é aconselhável que se localize as “Instruções para autores” fornecidas pela revista pretendida, a fim de se conhecer o público alvo da revista, o escopo dos textos publicados nela e as normas para o envio. Muitas vezes as instruções englobam ainda comentários gerais sobre o procedimento de envio dos textos – se é preciso enviar cópia impressa ou apenas digital, o endereço para envio, o estatuto do texto (se tem que ser inédito ou pode ter tido uma versão anterior publicada em anais de congresso, por exemplo), o procedimento para a seleção dos textos a serem publicados.

Vejamos, por exemplo, um trecho das instruções para os autores fornecidas pelo *Journal of Intercultural Studies*, publicado pela editora Routledge, conforme aparecem no site da revista:

Instructions for authors

Manuscripts that do not conform to the requirements listed below will not be considered for publication nor will they be returned to their author.

Manuscripts: length of articles is ideally between 5000-7000 words. Contributors should bear in mind the journal aims and address an international and interdisciplinary audience.

Electronic submission via e-mail is preferred. Send all correspondence and submissions to jics@tandf.com.au. The editors welcome proposals for special issues that address the aims of the journal. See the special issue proposal form for more details.

Articles should be double spaced, have at least 2.5cm margins, and be in 12 point Times New Roman font. Each article should have a separate coverpage that contains the following: an article summary of 100-150 words, a short (100 words) note about the author(s), and full postal and email address of the author who will receive correspondence. All pages should be numbered. Articles should have as few endnotes as is reasonably possible. We prefer to receive files in Microsoft Word (PC format), but can translate from most other common word processing programs as well as Macs. Please specify which program you have used. Do not save your files as 'text only' or 'read only'.

Journal style: *JIS* uses MLA style (www.mla.org/style). Please follow this style format in all bibliographies, notes, and in-text citations when your article has been accepted and you are submitting your revised, final version. Articles should use British English.

(Disponível em: <[www.tandf.co.uk/journals/journal.asp?issn=0725-6868-
&subcategory=ED550000&linktype=44](http://www.tandf.co.uk/journals/journal.asp?issn=0725-6868-&subcategory=ED550000&linktype=44)>. Acesso em: nov. 2008.)

Como se pode ver, as instruções apontam para características de formatação dos textos, além do procedimento de envio e análise. Revistas de uma mesma editora ou de uma série dentro de uma editora tendem a seguir normas de formatação em comum. Entretanto, existe grande variedade no mundo em termos de normas para referências e formatação de textos. As revistas acadêmicas por vezes ditam suas próprias normas e, ao mesmo tempo, remetem os autores a normas estabelecidas por espaços institucionais como a Associação Brasileira

de Normas Técnicas (ABNT), o Chicago Manual of Style, ou o Modern Language Association (MLA). Se observarmos as instruções para os autores do *Journal of Intercultural Studies*, veremos que eles indicam algumas normas específicas para a revista e simultaneamente remetem ao MLA para maiores detalhes.

Ao submeter um texto a uma revista acadêmica, é preciso verificar quais as normas em uso e formatar o texto conforme cada revista solicita já que não existe uma mesma padronização adotada por todos. Outra característica interessante dos artigos acadêmicos é que a grande maioria deles aparece publicada em revistas com *peer review*, ou seja, são submetidos à leitura por outros autores, geralmente especialistas na área em que o artigo se posiciona, que avaliam o texto tanto em termos de suas qualidades formais quanto de conteúdo. Assim, ao ser publicado, o artigo passou pelo *crivo* de outros leitores especializados, além daquele do próprio autor. O procedimento costuma ser o seguinte: o autor submete seu texto ao editor da revista, que seleciona avaliadores na área de especialidade do texto e encaminha a eles uma cópia do texto submetido à revista; os avaliadores escrevem seus comentários e pareceres, enviam-nos ao editor e este, por sua vez, encaminha os comentários ao autor do texto, que tem então um prazo para reformular seu texto de acordo com os pareceres recebidos. Ou então, caso discorde frontalmente dos comentários feitos a seu texto, o autor pode escrever ao editor e justificar sua posição de não acatar as sugestões dos avaliadores. É importante saber que todo esse processo acontece anonimamente: apenas o editor conhece os nomes do autor e dos avaliadores.

Em termos organizacionais, artigos acadêmicos normalmente apresentam o nome do autor ou autores logo após o título, seguidos de um *abstract* e de palavras-chave (todos na língua em que foi escrito o texto e mais uma ou duas outras línguas, dependendo da revista). Depois do texto propriamente dito, os artigos acadêmicos trazem uma lista de referências bibliográficas, acompanhadas por anexos e apêndices, elementos opcionais que eventualmente sejam considerados importantes pelo autor para a expansão da leitura do texto. Anexos são formados normalmente por documentos utilizados no processo de pesquisa do texto e apenas mencionados rapidamente no corpo do texto, sem serem reproduzidos na íntegra, a fim de não quebrar o ritmo da leitura ou distrair o leitor; quando o autor julga importante disponibilizar acesso integral a este tipo de documento, pode incluir tais documentos em forma de anexo, no final do texto. Documentos em anexos costumam ser roteiros de entrevistas realizadas, questionários aplicados para coleta de dados etc. Apêndices são elementos suplementares, citados apenas como referência e servem para atualizar informações de edições anteriores ou complementar o texto com outros elementos, dispen-

sáveis para a sua compreensão, mas importantes para quem quer se aprofundar em aspectos não diretamente tratados no corpo do texto.

Com isso, a estrutura de um artigo acadêmico em língua inglesa costuma ser a seguinte:

Language and the design of texts	Title
HILARY JANKS	Author
<i>University of the Witwatersrand, Johannesburg</i>	Affiliation
<i>ABSTRACT: By demonstrating lexical and grammatical analysis – the rough work that underpins critical discourse analysis – this paper demonstrates the importance of grammatical knowledge for the critical reading of texts. It also provides readers with a grammar rubric for working systematically with the linguistic analysis of texts and argues that Fairclough’s model enables teachers and students to move beyond text analysis to an examination of texts in contexts.</i>	Abstract
<i>KEYWORDS: Grammar, language teaching, critical reading, critical writing, text, context, design, meaning.</i>	Keywords
Although it is possible to view language as a closed abstract system, where each sign, each meaning-bearing unit, is arbitrary and derives its meaning from its place in the system relative to other signs (de Saussure, 1983), this tells us nothing about what happens when language is used. When people use language, they have to select from options available in the system – they have to make lexical, grammatical and sequencing choices in order to say what they want to say. Halliday views language as meaning potential (Halliday, 1985). What is selected from the range of lexical and grammatical options determines how this potential is realised. [...] If discourse analysis is not possible without grammar, and critical reading is not possible without discourse analysis, then we do our students an educational disservice if we do not teach them grammar. In this paper I hope to have provided the motivation for teaching grammar along with a method and a model for thinking about the use of grammar in texts and contexts.	Body

REFERENCES

- Fairclough, N. (1989). *Language and power*. London: Longman.
- Fairclough, N. (1995). *Critical discourse analysis*. London: Longman.
- Halliday, M. A. K. (1985). *An introduction to functional grammar*. London: Arnold.
- Kress, G., & Hodge, R. (1979). *Language and ideology*. London: Routledge.

**Biblio-
graphical
references**

(ENGLISH teaching: practice and critique. December, 2005, v. 4, n. 3. Disponível em: <
<http://education.waikato.ac.nz/research/journal/view.php?article=true&id=268&p=1> > p.
97-110. Adaptado.)

Teses, dissertações e monografias

Há diferentes estágios de pesquisa científica. Iniciamos nossa vida acadêmica quando adentramos na universidade. O primeiro estágio, da graduação, muitas vezes nos exige a produção de uma monografia, que relata uma primeira experiência do autor com a pesquisa acadêmica, tanto no planejamento quanto na execução da pesquisa e na disseminação de seus resultados. Uma monografia nesse contexto é, por assim dizer, o relatório do desenvolvimento de uma pesquisa prática ou teórica, em nível de graduação, uma vez que é entendida como um trabalho científico que procura abordar um tema único desenvolvido pelo autor sob a orientação de um supervisor, professor do curso de graduação a que se vincula o aluno/autor.

Entretanto, ao pé da letra, monografia refere-se a qualquer trabalho científico que visa aprofundar um assunto específico – daí *monografia*: a escrita sobre um tema específico. Mas o uso mais comum do termo associa-o ao trabalho científico dos acadêmicos de cursos de graduação.

Num segundo momento, quando decidimos ingressar no mestrado, produzimos um texto chamado de dissertação. Dissertação é portanto uma espécie de monografia bastante aprofundada e bem mais detalhada e extensa do que a monografia de graduação. Devido à densidade que se espera de uma dissertação, ela normalmente é dividida em capítulos, além das tradicionais introdução e conclusão, durante os quais o autor disserta sobre diferentes aspectos do tema

proposto. A escolha do tema numa dissertação é de fundamental importância, uma vez que o assunto a ser tratado precisa ser “pesquisável”, ou seja, passível de análise científica, em área já estudada no domínio das disciplinas em que se insere o curso de mestrado desenvolvido pelo autor da dissertação. Uma dissertação não precisa eleger como objeto de estudo algo inovador, nem é preciso que o estudo se desenvolva de forma original, tanto que muitas dissertações são produzidas como aplicação de teorias gerais em contextos específicos.

No processo de doutorado, uma tese é produzida. Nesta, a perspectiva de análise precisa ser original: é fundamental que não seja conhecida na área uma proposta de estudo semelhante àquela desenvolvida em cada tese particular. Uma tese deverá portanto apresentar, de forma inédita, uma análise aprofundada de temas complexos. Como os outros relatórios de pesquisa acadêmica, uma tese também vem composta de introdução, desenvolvimento e conclusão, acompanhada de resumo e palavras-chave. A diferença está no grau de aprofundamento, originalidade e maturidade no desenvolvimento do processo de pesquisa e especialmente na análise dos dados e conclusões ou resultados a que chega o seu autor.

Todos esses exemplos de trabalhos de pesquisa são organizados através de uma introdução, desenvolvimento e conclusão. No entanto, podemos considerar que eles são diferentes especialmente na medida em que se desenvolvem a partir de graus de aprofundamento e maturidade acadêmica diferenciados e progressivamente mais preocupados com o rigor metodológico e científico do trabalho desenvolvido.

Os propósitos e a estrutura organizacional de gêneros não acadêmicos

Com o intuito de diferenciar o gênero acadêmico e outros tipos de textos, além das características já descritas acima, colocamos alguns exemplos de outros gêneros utilizados em nossa sociedade em seus formatos escritos.

Bula de remédio

Normalmente trazendo especificações técnicas sobre os componentes do medicamento que acompanham, as bulas de remédio servem tanto para que os médicos reconheçam as principais substâncias do medicamento e desse modo possam, cientes do seu efeito, decidir se ele é indicado ou não a seus pacientes, quanto para que os pacientes esclareçam eventuais dúvidas sobre seus efeitos

colaterais, posologia e indicações. Alguns medicamentos trazem inclusive duas bulas, uma para o médico e outra para o paciente. Sua estrutura é bem semelhante de um produto para outro, contendo normalmente as seguintes informações: fórmula, informações ao paciente, cuidados no armazenamento, informações técnicas, indicações, contraindicações, instruções para uso, quantidade de unidades, posologia, precauções etc. Veja o exemplo abaixo:

Drug Facts

Active ingredient (in each tablet) **Purpose**
 Chlorpheniramine maleate 2 mg Antihistamine

Uses Temporarily relieves these symptoms due to hay fever or other upper respiratory allergies:
 ■ sneezing ■ runny nose ■ itchy, watery eyes ■ itchy throat

Warnings
Ask a doctor before use if you have
 ■ glaucoma ■ a breathing problem such as emphysema or chronic bronchitis
 ■ trouble urinating due to an enlarged prostate gland

Ask a doctor or pharmacist before use if you are taking tranquilizers or sedatives

When using this product
 ■ You may get drowsy ■ avoid alcoholic drinks
 ■ alcohol, sedatives, and tranquilizers may increase drowsiness
 ■ be careful when driving a motor vehicle or operating machinery
 ■ excitability may occur, especially in children

precauções **If pregnant or breast-feeding, ask a health professional before use.**
Keep out of reach of children. In case of overdose, get medical help or contact a Poison Control Center right away.

posologia **Directions**

adults and children 12 years and over	take 2 tablets every 4 to 6 hours; not more than 12 tablets in 24 hours
children 6 years to under 12 years	take 1 tablet every 4 to 6 hours; not more than 6 tablets in 24 hours
children under 6 years	ask a doctor

Other information store at 20-25° C (68-77° F) ■ protect from excessive moisture

Inactive ingredients D&C yellow no. 10, lactose, magnesium stearate, microcrystalline cellulose, pregelatinized starch

(Disponível em: <www.fda.gov/fdac/graphics/2002graphics/nudruglabel.jpg>. Acesso em: nov. 2008.)

Receita culinária

Uma receita culinária pressupõe um leitor com um objetivo definido de leitura: executar a receita. Assim, costuma apresentar, com destaque, uma lista dos ingredientes necessários para a realização da receita, a fim de facilitar ao leitor que providencie os ingredientes necessários, sem os quais a receita não pode ser executada. Seguida do *modo de fazer*, as receitas detalham mais ou menos as etapas de execução, dependendo do grau de experiência culinária que a receita pressupõe para seus leitores. Veja o exemplo:

Absolutely the best chocolate chip cookies

INGREDIENTS:

- 1 cup butter flavored shortening
- 3/4 cup white sugar
- 3/4 cup brown sugar
- 2 eggs
- 2 teaspoons Mexican vanilla extract
- 2 1/4 cups all-purpose flour
- 1 teaspoon baking soda
- 1 teaspoon salt
- 2 cups milk chocolate chips

DIRECTIONS:

1. Preheat oven to 350 degrees F (175 degrees C). Grease cookie sheets.
2. In a large bowl, cream together the butter flavored shortening, brown sugar and white sugar until light and fluffy. Add the eggs one at a time, beating well with each addition, then stir in the vanilla. Combine the flour, baking soda and salt; gradually stir into the creamed mixture. Finally, fold in the chocolate chips. Drop by rounded spoonfuls onto the prepared cookie sheets.
3. Bake for 8 to 10 minutes in the preheated oven, until light brown. Allow cookies to cool on baking sheet for 5 minutes before removing to a wire rack to cool completely.

(Disponível em: <<http://allrecipes.com/Recipe/Absolutely-the-Best-Chocolate-Chip-Cookies/Detail.aspx>>. Acesso em: nov. 2008.)

Poesia

No campo literário, temos diferentes gêneros, dentre os quais se encontra a poesia, que pode variar imensamente em sua estrutura organizacional. Poemas

podem ser rimados ou sem rima (ou seja, poesia *em prosa*, com os chamados *versos brancos*), longos ou breves, simples ou complexos. Podem lançar mão de vocabulário e estruturas frasais complicadas, ou muito corriqueiras. Podem tratar de temas abstratos ou concretos. O que caracteriza um poema, entretanto, para a maioria das pessoas, é sua forma direta e breve de tratar de assuntos emocionais. Mas para um bom leitor um poema é muito mais do que isso. Vejamos um poema curto de Robert Frost (1915):

The road not taken

Two roads diverged in a yellow wood,
And sorry I could not travel both
And be one traveler, long I stood
And looked down one as far as I could
To where it bent in the undergrowth.

Then took the other, as just as fair,
And having perhaps the better claim,
Because it was grassy and wanted
wear;
Though as for that the passing there
Had worn them really about the same.

And both that morning equally lay
In leaves no step had trodden black.
Oh, I kept the first for another day!
Yet knowing how way leads on to
way,
I doubted if I should ever come back.

I shall be telling this with a sigh
Somewhere ages and ages hence:
Two roads diverged in a wood, and I—
I took the one less traveled by,
And that has made all the difference.

E-mail

E-mail é o termo adotado para caracterizar o correio eletrônico. Tornou-se, nas últimas décadas, uma das principais ferramentas de comunicação pela internet. Qualquer pessoa que possua uma conta na rede pode enviar e receber mensagens através desse serviço. O formato de uma mensagem segue sempre um mesmo padrão, contém um cabeçalho com nome e endereço eletrônico do remetente e destinatário e o assunto do qual se trata a mensagem. Logo após o cabeçalho está o corpo da mensagem, isto é, o espaço destinado para o desenvolvimento do texto da mensagem que pretendemos enviar. Além do destinatário, é possível enviar uma cópia da mensagem para outras pessoas ou até mesmo enviar uma cópia oculta, ou seja, podemos inserir outro endereço para o qual queremos enviar uma cópia da mensagem, sem que esse endereço apareça para os outros destinatários. Os serviços de correios eletrônicos também nos oferecem outras ferramentas, como o anexo, envio e recebimento de arquivos.

To: All 1000 Employees

From: Eager Edgar

Subject: A helpful book everyone should read

Hello, everyone. I've attached a PDF that I think you'll all find very useful. This is the third time I have sent you these files – the version I sent yesterday had a typo on page 207, so I've sent the whole thing again. Since some of you noticed that the large file size makes it a bit awkward, I've also attached each chapter as a separate document. Let me know what you think!

Attachments:

- Big Honking File.pdf (356MB)
- BHF Cover.pdf (25MB)
- BHF Chapter 1.pdf (35MB)
- BHF Chapter 2.pdf (27MB)

Propaganda

Dentro do que se pode chamar de *gênero publicitário*, anúncios de produtos com fins comerciais costumam não apenas ressaltar supostas qualidades dos produtos anunciados, mas também por vezes criar em seus “leitores” a necessidade de consumirem o produto. Muitas vezes criam-se *campanhas publicitárias* nas quais o mesmo produto é destacado de formas diferentes, em situações diferentes e mesmo em contextos ou países diferentes. É o caso por exemplo de campanhas muito difundidas entre nós, como as de refrigerantes ou cervejas. Entretanto, campanhas publicitárias podem ter o objetivo de construir hábitos sociais e disseminá-los dentre a população: neste caso, costumamos nos referir a este tipo de propaganda como *educativa* – basta nos lembrarmos de campanhas governamentais contra o uso de bebidas alcoólicas antes de dirigir, ou de ONGs (Organizações Não-Governamentais) contra o consumo de cigarros ou o uso de animais como cobaias em laboratórios médicos.

Quer sejam campanhas educativas ou comerciais, é importante que o leitor seja capaz de perceber a linha argumentativa dos textos (as estratégias de con-

vencimento), os sentidos implícitos, o não-declarado além do que se encontra materialmente exposto na propaganda. Vejamos alguns desses elementos no texto abaixo:



Disponível em: <www.adriants.com/images/trashcan_ad.jpg>
Acesso em: nov. 2008.

Pode-se ler esta campanha como se estivesse fazendo referência a uma questão social grave, além da explicitamente declarada: a imigração (legal e ilegal), a que pode se referir a frase “no one have to come here” – o referente deste “here” pode ser entendido tanto como “trash can” quanto como “this country”. As campanhas publicitárias normalmente lançam mão de duplos sentidos, fazem referência a situações ambíguas e jogam com a indefinição dos sentidos, a ironia e as possibilidades de interpretação, dentre outros aspectos.

Currículo pessoal

Este tipo de texto não-acadêmico é de grande utilidade não apenas para quem procura um emprego, mas também para quem quer se fazer conhecer em seu meio profissional. Existe uma grande base de informações profissionais no Brasil, gerenciada e mantida pelo CNPq, conhecida como Plataforma Lattes, disponível gratuitamente na internet, no endereço <<http://lattes.cnpq.br>>. De livre acesso, esta plataforma oferece a qualquer pessoa um *template* (uma espécie de formulário) de currículo, a ser alimentado com os dados pessoais e profissionais dos interessados e disponibilizado *on-line*. Conhecido como *Currículo Lattes*, os currículos neste formato seguem interesses essencialmente acadêmicos, já que

o *template* disponibilizado neste site foi criado primeiramente para hospedar currículos de pesquisadores brasileiros.

Isso quer dizer que um currículo pessoal, ou *curriculum vitae*, deve ser montado de acordo com a motivação de seu uso, ou seja, se alguém elabora um currículo pessoal com vistas a candidatar-se a uma vaga de emprego, deve selecionar e organizar as informações de acordo com o que lhe parece interessar mais à empresa que oferece a vaga. Provavelmente será irrelevante informar em seu currículo que você fez curso de culinária japonesa se você está buscando uma vaga de professor de Matemática. Mesmo assim, os currículos costumam ter uma estrutura relativamente previsível, com dados pessoais, informações para contato, escolarização e experiência profissional sendo seus elementos mais constantes. Costumam aparecer ocasionalmente indicações de nomes para referência pessoal e profissional, pessoas ou empresas que atestem a idoneidade do autor do currículo.

Por todas essas razões, não há um módulo único de currículo instituído socialmente, uma vez que a estrutura organizacional e extensão do currículo pessoal são fatores que dependem de seus propósitos. Colocamos abaixo alguns itens que normalmente percebemos como partes desta estrutura de currículos.

Curriculum Vitae Format

■ Your Contact Information

Name

Address

Telephone / Cell Phone E-mail

■ Personal Information

Date of Birth

Place of Birth

Citizenship

(Disponível em: <<http://jobsearch.about.com/od/cvsamples/a/cvformat.htm>>. Acesso em: nov. 2008.)

■ **Optional Personal Information**

Marital Status

Spouse's Name

Children

■ **Employment History**

List in chronological order, include position details and dates

Work History

Academic Positions

Research and Training

■ **Education**

Include dates, majors, and details of degrees, training and certification

High School

University

Graduate School

Post-Doctoral Training

■ **Professional Qualifications**

Certifications

Computer Skills

Foreign Languages

■ **Awards**

■ **Publications / Books**

■ **Professional Memberships**

■ **Interests**

Nesta aula, apresentamos algumas das diferenças existentes entre textos acadêmicos e outros textos para assim ser possível perceber e compreender o significado de gêneros textuais. Nossa intenção foi não só apresentar esses formatos de textos escritos, mas também oportunizar entendimentos de como tais gêneros textuais refletem uma maneira social de organização. Além disso, esperamos que, como bons leitores, vocês tenham também pensado sobre as possíveis produções acadêmicas que irão enfrentar pela vida estudantil e/ou profissional, com a produção de artigos, monografias entre outros.

Texto complementar

Gêneros do discurso: unidade e diversidade

(BRANDÃO, 2008)

RESUMO: Partindo do pressuposto de Bakhtin de que todo “querer dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso”, pretende-se discutir a questão do gênero sob o prisma da tensão entre as forças centrípetas e as forças centrífugas que nele atuam. O gênero se constitui como conjunto de traços marcados por certa regularidade, o que lhe confere relativa estabilidade, e ao mesmo tempo, pelo seu caráter sócio-histórico, se constitui de pontos de fuga, forças que atuam sobre as coerções genéricas, desestabilizando-o e possibilitando novas formas de comunicação e expressão.

PALAVRAS-CHAVE: gêneros do discurso, discurso/texto, coerções genéricas, heterogeneidade discursiva.

ABSTRACT: The starting point of this discussion is Bakhtin’s assumption that all a speaker would like to say is reflected above all in his choice of speech genre. This paper discusses the issue of genre from the point of view that there exists a tension between the centripetal and centrifugal forces that act upon the discourse. Genre consists of a collection of markers that have a regularity that affords relative stability, but at the same time, due to its social and historic aspects, consists of escape points. These points are forces that act upon the generic coercion, destabilizing it and making new ways of communicating and expressing ideas possible.

KEYWORDS: genre of discourse, discourse/text, generic coercion, discourse heterogeneity.

1. Introdução

Desde que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) tematizaram a importância dos gêneros no ensino da língua, a questão do gênero tem sido muito debatida. Mas essa noção tem uma longa tradição na história dos estudos da linguagem. A noção de gênero do discurso/gênero textual vem sendo explorada desde Platão e Aristóteles e várias classificações têm aparecido ao longo dos tempos, dentre elas: a clássica distinção entre poesia e prosa; a distinção entre lírico, épico e dramático, a oposição entre tragédia e comédia; a teoria dos três estilos: elevado, médio e humilde que remonta à Idade Média, além da distinção da Retórica Antiga entre discursos deliberativo, judiciário e epidítico. O estudo dos gêneros foi, dessa forma, uma constante temática que interessou os antigos e tem atravessado as preocupações dos estudiosos da linguagem. Essa preocupação com a questão do gênero tem resultado numa variedade de abordagem – o que se atesta pela metalinguagem utilizada; tem-se usado às vezes indistintamente os termos: gêneros textuais, tipos de discurso, tipos textuais, modos/modalidades de organização textual, espécies de texto e de discursos etc.

A questão do gênero foi inicialmente preocupação da poética e da retórica e não da linguística, por uma dupla razão: primeiro porque, enquanto uma ciência específica da linguagem, a linguística é recente e, depois, porque sua preocupação, no princípio, foi com as unidades menores que o texto (o fonema, a palavra, a frase). Na medida em que ela passa a se preocupar com o texto, começa a pensar na questão da classificação. Essa preocupação se torna crucial quando ela deixa de trabalhar apenas com textos literários, mas volta-se também para o funcionamento de qualquer tipo de texto. [...]

2. As tipologias na linguística

Nos últimos anos, vários pesquisadores têm se consagrado ao estudo das tipologias de texto. A pesquisa de classificação tipológica, entretanto, no início pareceu estar mais limitada ao domínio da literatura (através da teoria dos gêneros) ou ao campo da didática da língua, do que à linguística propriamente dita.

No campo da didática de línguas, por se trabalhar com textos e ter por objeto natural de reflexão os discursos dos alunos, das mídias, da literatura,

têm se colocado questões relativas às classificações desses textos e discursos. O conhecimento das categorias textuais e discursivas é fundamental no ensino/aprendizagem da língua, pois muitas vezes as dificuldades de leitura e/ou produção escrita advêm do desconhecimento de uma representação organizada e hierarquizada do conteúdo semântico do texto, da composição textual no seu todo e da sua adequação pragmático-discursiva à situação de interlocução.

Tendo em vista a importância de se estabelecer uma tipologização para melhor entender os princípios que regem a organização textual, no campo da linguística hoje circula uma variedade enorme de tipologias. [...]

Reconhecendo que toda tipologia apresenta problemas, ou porque restritas ou porque amplas demais, mas compreensíveis devido ao caráter heterogêneo e complexo desse objeto que é o texto, vou me deter na tipologia discursiva baseada numa concepção sociointeracionista de linguagem inspirada em Mikhail Bakhtin (1992).

3. Discurso e Texto

Antes de desenvolver mais detalhadamente as ideias de Bakhtin, será importante verificar em que sentido estaremos usando os termos discurso e texto. Por discurso, entendemos toda atividade comunicativa, produtora de sentidos, ou melhor, de efeitos de sentidos, entre interlocutores (sujeitos situados social e historicamente) nas suas relações interacionais. Pressupõe uma concepção de língua enquanto trabalho, atividade de construção de sentidos entre falantes na qual o que se diz significa em relação ao que não é dito, ao efeito que se pretende atingir; significa em relação ao lugar social de onde se diz, a quem se diz; significa em relação a outros discursos que circula(ra)m socialmente.

O discurso se manifesta linguisticamente por meio de textos. Isto é, o discurso se materializa sob a forma de texto. É por meio do texto que se pode entender o funcionamento do discurso. O texto, oral ou escrito, é construído no processo das relações interacionais, constituindo-se num todo significativo, independentemente de sua extensão. Como unidade complexa de significação, sua produção/compreensão implica levar em conta as condições de sua produção (situação de enunciação, interlocutores, contexto histórico social), mobilizando competências não só linguísticas como competências extralinguísticas (conhecimento de mundo, saber enciclopédico, determina-

ções socioculturais, ideológicas etc). Como objeto empírico, o texto constitui uma unidade significativa com começo, meio e fim.

4. A tipologia do discurso em Bakhtin

Em seus escritos, o linguista russo Mikhail Bakhtin (1992) insiste no caráter social dos fatos de linguagem, considerando o enunciado como o produto da interação social, determinado por uma situação material concreta assim como pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma dada comunidade linguística. Insiste sobre a diversidade das atividades sociais exercidas pelos diversos grupos e conseqüentemente sobre a diversidade das produções de linguagem a elas relacionadas; a língua usada no cotidiano, a língua usada no trabalho, as narrações literárias, as peças jurídicas, os textos políticos etc. constituem sistemas diferentes e atestam a necessidade de uma competência polilinguística fundamental de todo falante.

Assim, para Bakhtin, os discursos são produzidos de acordo com as diferentes esferas de atividade do homem. Por exemplo, a escola é um lugar em que atuamos em diferentes esferas de atividades. Cada esfera de atividade nos exige uma forma específica de atuar com a linguagem. Dessa forma, temos uma esfera de atividade que é a aula, outra que é a reunião de pais e mestres, a reunião dos professores, o encontro dos alunos no recreio etc., cada uma dessas esferas exigindo uma forma específica de uso da linguagem, um gênero diferente de discurso.

A riqueza e a diversidade das produções de linguagem são infinitas, mas organizadas. Bakhtin estende os limites da competência linguística dos sujeitos para além da frase na direção do que ele chama os “tipos relativamente estáveis de enunciados”, “o todo discursivo”, isto é, os gêneros discursivos, para os quais somos sensíveis desde o início de nossas atividades de linguagem. Portanto, os gêneros do discurso são diferentes formas de uso da linguagem que variam de acordo com as diferentes esferas de atividade do homem.

Se os gêneros do discurso não existissem e se nós não tivéssemos o seu domínio e se fosse preciso criá-los pela primeira vez em cada processo da fala, se nos fosse preciso construir cada um de nossos enunciados, a troca verbal seria quase impossível. (BAKHTIN, 1992, p. 302)

Em cada esfera de atividade social, portanto, os falantes utilizam a língua de acordo com gêneros de discurso específicos.

O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero do discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros etc. Depois disso, o intuito discursivo do locutor, sem que este renuncie à sua individualidade e à sua subjetividade, adapta-se e ajusta-se ao gênero escolhido, compõe-se e desenvolve-se na forma do gênero determinado [...] Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica. [...] Na conversa mais desenvolta, moldamos nossa fala às formas precisas de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos. (BAKHTIN, 1992, p. 301)

Os gêneros se caracterizam pelos seus conteúdos temáticos, por estruturas composicionais específicas e pelos recursos linguísticos (estilo) utilizados. Bakhtin propõe distinguir: a) gêneros de discursos primários (ou livres) constituídos por aqueles da vida cotidiana, e que mantêm uma relação imediata com as situações nas quais são produzidos; temos um conhecimento intuitivo deles, adquirido nas nossas relações e experiências do dia-a-dia; b) gêneros de discursos segundos (ou estandarizados) que “aparecem nas circunstâncias de uma troca cultural (principalmente escrita) – artística, científica, sociopolítica – mais complexa e relativamente mais evoluída”. Esses discursos segundos (romance, teatro, discurso científico) repousam sobre instituições sociais e tendem a explorar e a recuperar os discursos primários, que perdem desde então sua relação direta com o real para tornar-se “literatura” ou “teatro”. Para dominá-los, geralmente precisamos de uma educação formal e sistematizada.

Aprendemos a moldar nossa fala às normas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. (BAKHTIN, 1992, p. 302)

Quando um indivíduo fala/escreve ou ouve/lê um texto, ele antecipa ou tem uma visão do texto como um “todo acabado”. Isso se dá justamente pelo conhecimento prévio que ele tem dos gêneros a que ele teve acesso na sua história escolar ou de leitura.

É justamente baseado em um conhecimento global de como se dão discursivamente as interações, que o falante, muitas vezes, especifica, durante a sua fala, o gênero do discurso que está produzindo ou a que se refere. Assim, é comum ouvirmos as pessoas dizerem: – no **telefonema** de ontem – na

palestra de hoje – a **entrevista** de fulano – a **piada** do dia – a **reportagem** de ontem – o **noticiário** desta noite etc.

Telefonema, palestra, entrevista, piada, reportagem etc. são diferentes gêneros discursivos mobilizados pelos falantes e requeridos em função das esferas de atividade em que estão inseridos. Além disso, muitas vezes, os gêneros têm marcas linguísticas mais ou menos fixas, ou estereotipadas; essas marcas indicam em que gênero se inserem, identificando-o: – era uma vez (abertura de uma narrativa ficcional) – prezado amigo (abertura de carta) – tome meio quilo de açúcar e adicione... (receita culinária) – alô, quem é? (telefonema).

5. O gênero entre a estabilidade e a maleabilidade

Um gênero, no entanto, não é uma forma fixa, cristalizada de uma vez por todas e que deve ser tratado como um fato homogêneo. É esse o equívoco que cometem algumas das abordagens pedagógicas. O professor não pode perder de vista a dimensão histórico-cultural que a noção de gênero implica em decorrência do caráter dialógico e social da linguagem.

Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2002, p. 19)

Os gêneros novos, entretanto, ao surgirem, ancoram-se em outros já existentes. Eles não nascem do nada, como criações totalmente inovadoras; mas, como toda atividade de linguagem, sua gênese revela uma história, um enraizamento em outro(s) gênero(s). Ex.: as passagens da carta para o e-mail ou da conversação numa interação face a face para o *chat* ou da aula presencial para a aula num projeto de educação a distância indicam o surgimento de novas modalidades genéricas determinadas por avanços tecnológicos; da mesma forma, a passagem do ensaio científico para o artigo de divulgação científica indica o aparecimento de um novo gênero em função do auditório e dos propósitos comunicativos (interlocução com os pares ou com um público mais amplo, não especializado).

Além disso, como traço evidente da maleabilidade do gênero, podemos constatar que o espaço textual pode ser atravessado por toda uma dimensão

intertextual, gerando relações intragenéricas e/ou intergenéricas. Como consequência do caráter dialógico da linguagem, um texto pode citar, remeter ou fazer alusão a outros textos do mesmo gênero ou de gêneros diferentes com os quais interage intertextualmente. Como exemplo de relação intragenérica (textos pertencentes a um mesmo gênero), num processo intradiscursivo, podemos citar as várias versões das fábulas de Esopo: na França, por La Fontaine e, entre nós, por Monteiro Lobato e Millôr Fernandes.[....]

Bibliografia:

ADAM, J.-M. *Les textes: types et prototypes*. Lausanne: Nathan, 1992.

ADAM, J.-M. Cadre théorique d'une typologie séquentielle. *Études de linguistique appliquée. Didactologie des langues-cultures*. Didier Érudition. Juillet-septembre, 1991.

BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M. (Voloshinov). (1929) *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1979.

BEACCO, J.-C. Types ou genres? Catégorisation des textes et didactique de la compréhension et de la production écrites. In: *Études de linguistique appliquée. Didactologie des languescultures*. Didier Érudition. Juillet-septembre, 1991.

BRANDÃO, H. H. N. (Coord.) *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000. v. 5. (Coleção aprender e ensinar com textos.).

[....]

MAINGUENEAU, D. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, A.P., Machado A.R., Bezerra, M. A.(Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

SILVA, J. Q. Gênero discursivo e tipo textual. *Scripta. Linguística e Filologia*. (Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC-Minas). Belo Horizonte, MG: PUC-Minas. v. 2, n. 4, 1999.

(Disponível em: <www.digitalart.inf.br/ufmt/arquivos/artigos/18.pdf>.

Acesso em: nov. 2008.)

Dicas de estudo

Nossa dica de estudo para essa aula é fazer uma visita virtual em algum dos sites abaixo para aprender a pesquisar por textos acadêmicos *on-line*. Sua tarefa é escolher um dos *links* abaixo, visitar o site e realizar uma busca por textos acadêmicos sobre algum assunto de pesquisa que lhe interesse. Você poderia pesquisar por exemplo o ensino/aprendizagem de língua inglesa; o uso dos gêneros textuais em aulas de língua estrangeira; as relações entre língua e poder na sala de aula.

Links:

SCIELO – Scientific Electronic Library Online: <www.scielo.org>.

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP: <www.teses.usp.br>.

Revista X – Periódico científico da UFPR com foco em estudos relacionados ao Ensino de Línguas e Literaturas: <ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/revistax>.

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUC/SP: <www.sapientia.pucsp.br>.

Atividades

1. Quais foram os gêneros acadêmicos trabalhados nesta aula? Cite e comente o que você entendeu sobre cada um deles.
2. Quais são as principais diferenças entre textos acadêmicos e textos gerais? Complete o quadro abaixo com as características que mais lhe chamaram a atenção.

Textos Acadêmicos	Textos Gerais

3. Leia o *abstract* e resumo de um artigo acadêmico e responda as questões que seguem:

A teoria e a prática: a questão da diferença no discurso sobre e da sala de aula

*(Theory an Practice: the Issue of the Difference in the
Discourse about/in the Classroom)*

Maria José R. F. CORACINI

(Universidade Estadual de Campinas)

ABSTRACT: *The main purpose of this paper is to question the relationship between theory and practice or basic and applied research in the domain of Applied Linguistics and classroom discourse. In order to achieve our aim, some theoretical texts, some recorded and transcribed classes as well as some teachers' and students' opinions about reading and writing were analysed. Results have shown that 1) practice is not the direct application of theoretical data: the relationship between them is not as simple as some applied linguists seem to believe because of the action of the unconscious in the constitution of subjectivity; 2) the conceptualization of the theoretical issues takes place in a confused and disorderly manner mixed up with personal experiences and previous knowledge (practice). We intend to question the fact that practice comes as secondary to theory.*

RESUMO: *O principal objetivo deste artigo é questionar a relação entre teoria e prática ou pesquisa básica e pesquisa aplicada no âmbito da Lingüística Aplicada e do discurso de sala de aula. Para isso, foram analisados textos teóricos, aulas gravadas e transcritas, bem como opiniões de professores e alunos sobre leitura e escrita. Os resultados mostraram que: 1) a prática não é a aplicação direta de dados teóricos: a relação com a teoria não é tão simples quanto alguns lingüistas aplicados parecem acreditar devido à ação do inconsciente na constituição do sujeito; 2) a conceitualização dos dados teóricos se dá confusa e desordenadamente atravessada por experiências e conhecimentos pessoais de toda ordem (prática). Pretende-se ainda problematizar o caráter secundário da prática ou da aplicação diante da teoria.*

KEYWORDS:

PALAVRAS-CHAVE:

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501998000100003-&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: nov. 2008

a) Qual o título do artigo?

b) Quem é a autora desse texto? Ela é filiada a alguma instituição de ensino superior?

c) Qual é o objetivo da pesquisa desenvolvida?

d) Quais são as fases do desenvolvimento dessa pesquisa?

e) Quais são os resultados apresentados na pesquisa?

f) Quais poderiam ser possivelmente as palavras-chave desse resumo?

